

**“O rap guarani que está chegando para revolucionar”:
a representação da juventude indígena nas músicas do Brô MC’s**

*"The Guarani rap is coming to revolutionize":
the representation of indigenous people in Brô MC's songs*

Igor LACERDA¹

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de identificar e analisar as representações da juventude indígena e dos locais habitados por ela nas músicas do Brô MC's, um grupo formado por jovens indígenas do povo Kaiowá, e membros da Aldeia Jaguapiru Bororó de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Para detectar as representações no corpus desta pesquisa, utilizamos a Análise de Conteúdo, seguindo as diretrizes de Bardin (2016). Para interpretar as representações evidenciadas pela Análise de Conteúdo, utilizamos a teoria de Representações Sociais, partindo da visão de Jovchelovitch (2000) de que as representações, por possuírem um caráter de produção de sentido, podem “re-construir” a realidade, expressando o trabalho da imaginação humana sobre o mundo. Os resultados revelam que os jovens são representados não apenas como pobres e sofredores, mas também como orgulhosos e revolucionários. Os locais habitados por eles não são representados só como violentos e perigosos, mas como ricos e unidos. Assim, concluímos que este artigo é relevante por registrar a memória desses jovens, auxiliando-nos na compreensão dos tempos antigos e em suas implicações em situações vivenciadas na atualidade.

Palavras-chave: Juventude. Rap indígena. Representação indígena. Movimentos juvenis. Representações sociais.

Abstract

This study aims to identify and analyze the representations of the indigenous youth and the places inhabited by her in the songs of Brô MC's, a group formed by young indigenous people of the Kaiowá people, and members of the Jaguapiru Bororó Village of Dourados in Mato Grosso do Sul. In order to detect representations in the corpus of this research, we use Content Analysis, following the guidelines of Bardin (2016). In order to interpret the representations evidenced by Content Analysis, we use the theory of Social Representations. Jovchelovitch's (2000) explains that representations, because

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM UERJ). E-mail: igorlacerdasa@gmail.com

they have a sense-producing character, can "re-construct" reality, expressing the work of the human imagination on the world. The results reveal that young people are represented not only as poor and suffering but also as proud and revolutionary. The places inhabited by them are represented not only as violent and dangerous, but as rich and united. Thus, we conclude that this article is relevant for recording the memory of these young people, helping us to understand the ancient times and their implications in situations experienced today.

Key-words: Youth. Indigenous rap. Indian representation. Youth movements. Social representations.

Introdução

O objetivo deste estudo é analisar e apresentar reflexões acerca das representações da juventude indígena e seu universo nas músicas do Brô MC's, um grupo formado, em 2009, por Bruno Veron, Kelvin Peixoto, Clemerson Batista e Charlie Peixoto – jovens indígenas do povo Kaiowá, componentes da Aldeia Jaguapiru Bororó, localizada próxima ao município de Dourados, região de Mato Grosso do Sul. O Brô MC's é o primeiro grupo de *rap* indígena do Brasil.

O propósito é identificar os principais elementos sobre a juventude indígena e os locais onde eles vivem nos discursos dos jovens músicos, mais especificamente no primeiro CD. Foi graças à Central Única de Favelas (CUFA) do estado do Mato Grosso do Sul que os jovens que compõem o grupo puderam elaborar, cantar e dançar o *rap* - um estilo musical definido por Souza (2017) como uma "poesia cantada" que normalmente aborda temas como racismo, a desigualdade social e a violência.

O primeiro disco da Brô Mc's foi gravado de forma artesanal em 2008, um trabalho que foi divulgado (e pode ser obtido de forma gratuita) através da internet. Com a gravação do primeiro trabalho, eles puderam se apresentar em outras partes do país como: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Brasília. Espetáculos que apresentaram o trabalho do grupo a novos públicos e a outras partes do Brasil.

Além disso, mais tarde, algumas empresas de comunicação da região concederam os equipamentos e as técnicas necessárias para registrar a produção da banda em vídeo. Foi nesse momento que eles conquistaram um espaço, ainda raro, para contar e publicizar as próprias narrativas a um público maior (MORAES; PORTELA,

2014). O clipe Koangagua foi publicado em 2015 pelo Guateka – um canal do YouTube criado para divulgar vídeos feitos por indígenas.

No início da pesquisa, nossas suspeitas foram aguçadas por artigos como o de Gonçalves e Rocha (2011) que apontam a possibilidade de os produtos de comunicação trazerem de forma voluntária ou involuntária todos os conceitos, olhares e postura sobre um grupo ou um objeto. Assim, acreditamos que ao investigar as músicas pensadas e produzidas pelos jovens, será possível ter acesso à maneira como eles veem o mundo que os cerca e como dão sentido às próprias vivências.

Ao ouvir as canções pensadas pela Brô Mc's, esperamos ter a oportunidade de descobrir a forma como eles se representam, enxergam a localidade onde vivem e convivem entre si e com grupos de não índios. A fim de evidenciar elementos no *corpus* que contribuam para o entendimento da representação, este estudo opta pela metodologia de Análise de Conteúdo, de acordo com as diretrizes de Bardin (2016).

Para promover o entendimento sobre as construções simbólicas presentes nos produtos, esse artigo se utiliza da teoria de representações sociais e parte da visão de Jovchelovitch (2000) de que as representações têm a possibilidade de construir e reconstruir a realidade, pois possuem caráter de produção de sentido e expressam o trabalho do “psiquismo humano” sobre o mundo.

Metodologia

Este estudo opta pela análise de conteúdo, de acordo com as diretrizes de Bardin (2016), pois ela consiste em um conjunto de técnicas de análise dos meios de comunicação, utilizando métodos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens para possibilitar uma leitura aprofundada do que é transmitido pelas mídias, além de fornecer caminhos para a compreensão do que está além das primeiras impressões que se tem do seu conteúdo.

Para compreender as representações de jovens indígenas e seus ambientes, analisamos o disco do grupo de *rap* Brô Mc's, e ele conta com oito músicas. As músicas são as seguintes: A vida que eu levo, Eju Ore Ndive, Humildade, Lutar pra vencer, Sei jovem, Sempre te amarei, Terra vermelha e Tupã.

Bardin (2016) aponta que a partir da identificação de elementos-chave neste conteúdo, torna-se possível estabelecer inferências relativas às mensagens. No caso deste trabalho, foram definidas “categorias temáticas”: os jovens indígenas e os locais habitados por eles. Os conteúdos foram classificados de acordo com os temas das categorias. As inferências foram baseadas em indicadores quantitativos, que apontam a recorrência de determinadas abordagens e temas, gerando conhecimentos sobre os conteúdos.

A primeira categoria busca apresentar os dados e as análises referentes à identidade de jovens indígenas, segundo as músicas da Brô MCs. A intenção é captar as representações de indivíduos que vivem e ajudam a dar sentido ao cotidiano de tribos indígenas e a forma de existir de grupos juvenis.

A segunda categoria se propõe a evidenciar os elementos referentes aos territórios habitados por indígenas. O propósito é examinar a representação dos desses locais, assim como os caminhos que os artistas apontam para superar, se houver, as dificuldades enfrentadas por aqueles que nele vivem.

A relação da juventude com o Rap

O *hip-hop*, movimento cultural seguido pelo Brô Mc's, foi pensado por jovens latinos e negros, como explica Tavares (2010). Ele surgiu na periferia de grandes metrópoles americanas e inglesas no fim da década de 1960, com a influência do *dub* – uma música instrumental combinada com efeitos eletrônicos que chegou aos Estados Unidos através de imigrantes caribenhos.

O autor diz ainda que o *hip-hop* foi difundido globalmente, e passou a englobar outras estéticas artísticas como a dança de rua (*break* ou *street dance*), o grafite, a produção musical e o *rap* (combinação de uma poesia contada com o ritmo). Essas manifestações foram difundidas de forma desigual, e o *rap* ficou mais conhecido como expressões da juventude.

Segundo Postali (2017), o *hip-hop* tem a função de livrar os jovens da violência e da criminalidade. É como se essa prática cultural substituísse atividades tidas como ilegais. Oliveira (2014) diz que em 1970, nos Estados Unidos, era comum o confronto entre gangues por pontos de venda de drogas. Nessa mesma época, chegaram

afrodescendentes, porto-riquenhos e jamaicanos, que fugiram de seus países devido às crises econômicas e sociais. Incomodados com a guerra entre gangues, os imigrantes começaram a organizar festas de rua, substituindo as brigas por disputas de dança.

O *rap* foi se transformando em um veículo de expressão política, como explica Postali (2017). Logo, esse veículo foi tendo a função de transmitir a raiva que os negros tinham do racismo, o descontentamento dos pobres com a falta de oportunidades e o desgosto que as mulheres sentiam pela misoginia. O *rap* deve ser utilizado para compartilhar saberes, promover reflexão, união, igualdade, respeito e responsabilidade.

Ainda hoje, é possível observar que alguns jovens, como os músicos do grupo estudado, utilizam o *rap* para expressar seus descontentamentos com os preconceitos sentidos por causa de cor, raça, classe e gênero. Dayrell (2002) esclarece que no Brasil o *rap* surgiu em 1970, com a proliferação de “bailes blacks”, nas periferias de grandes metrópoles. Nos bailes do final de semana negros e pobres (em sua maioria) encontravam uma alternativa de lazer.

Além de curtir os bailes, podiam produzir as próprias músicas. Dayrell (2002) lembra que o *rap* é um dos poucos estilos que não exige uma formação musical. Esse estilo é democrático, pois não exige que os MCs saibam tocar um instrumento, dominem técnicas, invistam em produção e tenham um local adequado para a apresentação. Tudo pode acontecer na rua mesmo, a galera só precisa se reunir.

Uma discussão sobre juventudes e representação social

Inicialmente, cabe ressaltar que, entre as formas de entender a juventude, optamos por seguir as diretrizes de Pais (1990). Esse autor explica que pode não ser correto dizer juventude, e sim juventudes. Ele usa juventudes, no plural, para ressaltar que essa fase da vida não é experimentada da mesma maneira por todos. Não existe uma única forma de ser jovem, existem várias.

A juventude é um momento influenciado pelas classes sociais, pelo ambiente no qual o sujeito está inserido e pelas trocas que ele faz com os grupos. Esses grupos, por sua vez, podem cuidar de seus jovens e retratá-los de diferentes modos. Assim, é possível entender que realidade dos jovens de classe média seja diferente daqueles das

camadas populares, e o modo de viver da juventude nos centros urbanos seja distinto daquela que habita em áreas rurais.

Normalmente, a juventude é representada nos produtos comunicacionais como aquela que no futuro, durante a vida adulta, será capaz de dar sentido às ações e escolhas do presente. Os jovens também podem ser representados como um problema, sendo ligados ao aumento dos índices de violência, consumo e tráfico de drogas e gravidez precoce. Ou, ainda, a juventude pode ser representada como um tempo de liberdade, um momento que permite comportamentos exóticos. Para Deyrell (2003), essas representações mais comuns sobre a jovialidade podem destacar um único modo de ser jovem. Podem fazer com que as pessoas exijam aos jovens características que faltam para corresponder a uma determinada representação, projetando nas novas gerações às memórias de outra época.

Jovchelovitch (2000) esclarece que as representações são formas de saber social, ou seja, são ideias que os indivíduos têm de objetos, lugares e pessoas. É por intermédio de representações sociais que os indivíduos conseguem interpretar o mundo a sua volta e, a partir de uma realidade simbólica, junto às referências que eles têm sobre o assunto, essa passa a ser a visão que mantêm do universo. A autora esclarece que as representações contribuem para a elaboração de uma realidade comum, a forma de conhecer algo do homem comum. Explica que as representações sociais são construídas através da relação do Eu com o Outro e que através de sua relação com o mundo, o indivíduo cria um novo mundo de significados que o ajudará a dar sentido ao que está a sua volta.

Os produtos comunicacionais feitos por pessoas que não conhecem os jovens indígenas podem trazer algumas representações que não condizem com a realidade, são visões de quem conhece esses jovens e seus espaços apenas de fora. Então, quando jovens índios se reúnem para contar suas histórias por meio *raps* divulgados nas redes, eles estão concordando e/ou confrontando as visões dos meios de comunicação clássicos.

Jovchelovitch (2000) explica a representação é construída pelo sujeito, um sujeito que é atravessado pelo social. Ele, o sujeito, não é apenas um produto de determinantes sociais, nem produtor autônomo, porque as representações são construções que têm um contexto e, por isso, são resultados das condições em que

nascem e circulam. A representação social é criada pelos seres humanos (de acordo com seu processo de socialização e acúmulo cultural) para dar sentido à realidade. A representação social é uma atividade simbólica e “não há possibilidade de formação simbólica fora de uma rede de significados já constituídos. É sobre essa rede, e dentro dessa rede, que os trabalhos de reconstrução do que já está lá ocorrem” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 78).

Jovchelovitch (2000) explica que as construções e transformações das representações são coletivas e estão ligadas aos atos de comunicação como, por exemplo: diálogos, linguagens, produções de informação e entretenimento. Ela diz que “é no encontro público de atores sociais, nas várias mediações da vida pública, nos espaços em que os sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao cotidiano que as representações sociais são formadas” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 40). É a forma de conhecer do homem comum porque as mudanças e cristalizações das representações sociais acontecem em encontros públicos que ocorrem em ruas, bares e instituições, mas também nos meios de comunicação. Por ter um grande alcance, os meios de comunicação são os principais mediadores das representações.

Esse estudo não tem a intenção de apontar as representações divulgadas na rede, por internautas que vivem determinadas realidades, como mais verdadeiras ou importantes. Pelo contrário, as representações dos meios de comunicação de massa também têm o seu valor. Nos dois casos, as representações são criadas pelos sujeitos, de acordo com seu processo de socialização e acúmulo cultural, para dar sentido ao mundo que os cerca (JOVCHELOVITCH, 2000).

Os meios de comunicação clássicos até têm seus interesses com a criação de determinadas representações, mas Alexandre (2001) lembra que comunicação significa tornar comum, partilhar, trocar opiniões. Ou seja, os meios de comunicação podem criar e transmitir suas representações, mas o público tem a possibilidade de concordar com elas ou transformá-las de acordo com os próprios saberes e vivências. Ela é um processo de troca de experiências, e é essa troca que cria um patrimônio comum. Nesse processo comunicativo, uma mente pode afetar a outra.

Representação é construção. A autora diz que elas são sempre representações de um objeto, elas ocupam o lugar de alguma coisa, elas “re-apresentam” alguma coisa. Nesse sentido, Sandra Jovchelovitch ressalta que as representações têm a possibilidade

de, dinamicamente, construir e reconstruir a realidade com autonomia e criatividade. As representações, sendo representações de um sujeito sobre um objeto, não são fiéis à realidade. São interpretações da realidade. A relação com o real não é direta, mas sempre mediada pela história e pela subjetividade.

Os meios de comunicação são (ou deveriam ser) uma arena que possibilita o confronto entre pontos de vistas diferentes, pensados tanto por profissionais que vivem na cidade quanto por profissionais (ou amadores) que vivem nas aldeias. Jovchelovitch esclarece que as representações necessitam do encontro de perspectivas divergentes, bem como das discussões que essas diferenças fomentam. Os diferentes modos de compreender a vida podem coexistir, mesmo que haja confrontos. Esse confronto não é visto como algo negativo, pelo contrário: eles são ricos, pois fazem emergir saberes com certa flexibilidade, capazes de ensinar e aprender com outras formas de racionalidade.

A representação dos jovens indígenas e dos locais habitados por eles

Os dados a seguir apontam as representações de jovens indígenas e seus locais na produção do Brô Mc's, grupo formado por indígenas que vivem na aldeia Jaguapiru Bororó em Dourados, no Mato Grosso do Sul. O número entre parênteses se refere à recorrência do tema nas músicas analisadas. As letras dos *raps*, dentro do texto e entre vírgulas, não foram alteradas. Elas são cantadas do jeito que estão escritas neste texto.

Tabela 1 - Os jovens indígenas

Brô Mc's	
Batalhadores (23)	Desprezados pela sociedade (2)
Esperançosos (6)	Respeitados pela tribo (1)
Revolucionários (4)	
Pobres (3)	
Sofredores (3)	
Sonhadores (3)	
Conscientes (2)	

Fonte: Dados retirados do CD de oito músicas do grupo Brô Mc's.

Nota: Dados trabalhados pelo autor durante os anos de 2017/2018.

A tabela 1 exhibe a representação de jovens indígenas nas músicas que compõem o corpus deste trabalho, notamos que a palavra batalhador apareceu vinte e três vezes nas narrativas. Eles dizem que precisam lutar contra o desprezo da sociedade (apareceu

duas vezes) e contra a pobreza, presente em duas partes das letras. Pelo menos três vezes eles dizem que essa batalha traz sofrimento. Na música *A vida que eu levo* os jovens dizem: “Esse povo que é guerreiro, é batalhador, o povo que resiste com força e com amor. Amor pela terra querida, amor por seus filhos e filhas. Filhos e filhas marcados pela vida. Mais de 500 anos e uma ferida que não cicatriza”.

Apesar do preconceito, da miséria e do sofrimento, eles conseguem ser esperançosos – visto seis vezes. Também são sonhadores, como apareceu três vezes nas canções. Eles acreditam que se forem esperançosos e batalhadores, serão capazes de mudar uma realidade de desprezo e falta de oportunidades. Ainda na música *A vida que eu levo*, eles falam: “para nós, o valor da vida é correr atrás, é sonhar mais. A cada dia que passa, Brô, em fase terminal, traz a mensagem das comunidades. Sempre sonhamos em mudar a realidade. Sofrimento jamais, é só paz”. Esses jovens são sonhadores justamente porque acreditam na transformação da realidade. Na mesma música, explicam o que seria a realidade para eles: “Tenho fé em deus que tudo vai mudar, basta ter talento, lutar e confiar. Sei que não é fácil viver assim. Criminalidade, violência neste mundo, enfim, te mostro a vida de verdade. Seja bem-vindo a minha realidade”.

Esses músicos dizem que são revolucionários por cantarem as letras que expõem as mazelas vividas por eles, notado quatro vezes. Para eles, revolução é fazer o que se gosta (música) e ainda levar a reflexão a quem os ouve. O que seria essa revolução? A canção Eju Orendive esclarece: “aqui é o *rap* guarani que está chegando pra revolucionar. O tempo nos espera e estamos chegando, por isso venha com nós. Nós te chamamos pra revolucionar”. As vivências expressadas nas músicas, divulgadas a um grande público, seria uma revolução.

Eles não querem ser vistos como jovens inconscientes, pelo contrário: a arte faz com que eles tenham consciência, como observado duas vezes, e ainda sejam capazes de entender que o passado de exploração das nações indígenas influenciou nos dias atuais. Tentar melhorar os efeitos desse passado, principalmente através do *rap*, também é revolucionário.

O trabalho desses jovens é respeitado pelos membros mais velhos da aldeia, foi notado em uma parte da música. Os jovens de outros níveis socioeconômicos podem não ser levados a sério pelos adultos, mas, no caso dos jovens indígenas, vemos o contrário: eles são valorizados pelos adultos de suas aldeias. Nota-se o orgulho do povo

no rap *Terra vermelha*: “Brôs Mc, primeiros da aldeia, jovens conscientes tão logo aí, o orgulho respeitado pelo povo e por quem merece. Sempre a provar que ninguém é diferente, aos olhos de Deus somos todos seus filhos”. Mais à frente, no mesmo rap, esclarecem o que realmente importa para eles: “ambição dinheiro, fama e troféu, esqueça tudo isso. Mas sim, aos manos e trutas das quebradas, as amizades. O poder da nossa mente é pra aqueles que sentem como nós. Represento o meu povo, guerreiro e sofredor”.

Ainda hoje, é possível observar que jovens marginalizados, como os músicos do grupo estudado, utilizam o rap para expressar seus descontentamentos e os preconceitos sofridos por causa da cor, raça, classe e gênero. “Matança, droga, violência afeta toda comunidade. Batalha sangrenta e os que sofrem racismo e preconceito vivem como podem. Mas na comunidade prevalece a humildade, sempre levando a palavra de verdade através do rap, mostrando a nossa realidade. Periferia da cidade, aldeia”, como cantado no rap *Tupã*. Ou, ainda, na canção *Humildade* eles contam: “as letras escritas que relatam o dia a dia, nessa caminhada, curvas perigosas encontrei no meu caminho”. O preconceito aparece em outras partes do corpus, como, por exemplo, na canção *A vida que eu levo*: “Poucas alternativas, sendo alvo do desprezo da sociedade não índia. Invisíveis perambulam pelas ruas da cidade sentindo o preconceito e a maldade na carne. Proibidos de entrar no hotel, no restaurante, o mesmo que exhibe quadro de índio aos visitantes”. Ou, na mesma canção, eles dizem: “Me rendo ou luto contra o preconceito... Sou índio sim, pobre, mas não burro, como pensa esse sujeito. Daquele jeito, continua a minha sina, sabendo muito bem quem gerou minha ruína”.

Tabela 2 - Os locais habitados pelos jovens

Brô Mc's	
O “homem branco” trouxe para os locais	O significado da terra para os jovens
Violência (11)	Sagrada (4)
Dizimação do povo (11)	Unida (2)
Criminalidade (5)	
Confinamento na reserva (5)	
Miséria (4)	
Conflitos (1)	
Guerras (1)	
Doenças (2)	
Suicídio (2)	
Alcoolismo (1)	

Fonte: Dados retirados do CD de oito músicas do grupo Brô Mc's.

Nota: Dados trabalhados pelo autor durante os anos de 2017/2018.

A tabela 2 expõe a representação dos locais habitados pelos jovens indígenas. Observamos que as canções dão mais destaque aos conflitos trazidos pelos homens às suas aldeias e menos visibilidade àquilo que eles admiram nas aldeias e no seu cotidiano. Essa constatação nos obrigou a criar duas subcategorias (O “homem branco” trouxe para os locais e O significado da terra para os jovens) dentro da categoria Os locais habitados pelos jovens.

O que o “homem branco” trouxe para os locais? Pelo menos onze vezes, os jovens dizem que a violência foi trazida pelos não índios. Essa violência que causou a dizimação de algumas nações indígenas, como averiguado onze vezes. Sobre o homem branco, é dito: “homem branco hostil que mata, massacra para manter os ganhos. Em memória dos professores mortos em Paranhos. Justiça, justiça que encontrem os culpados. Se fosse o contrário, estaríamos enquadrados, mandado de busca em todas as aldeias. Enquanto morre índio, ninguém vai pra cadeia”. Além disso, eles também dizem em cinco momentos que alguns podem recorrer à criminalidade. Por conviverem com a pobreza e a falta de perspectivas, muitos recorrem ao crime.

Notamos nas músicas que os fazendeiros roubaram as terras dos índios e agora eles estão confinados em reservas, como visto cinco vezes. O espaço da reserva é pequeno, e não cabe toda a tribo. Com a tomada de suas terras, alguns foram obrigados a ocupar novos lugares. Muitas vezes foram para longe de amigos, familiares e locais de sociabilidade e afetos. A violação destes e de outros direitos trouxeram às aldeias miséria (quatro abordagens), conflitos (uma abordagem) e guerras (uma abordagem).

No rap *A vida que eu levo* é contado sobre o confinamento em reservas: “daquele jeito, continua a minha sina, sabendo muito bem quem gerou minha ruína. 510 anos de abandono, confinados em reservas que mal cabem os nossos sonhos”. Ainda em *A vida que eu levo*, os músicos falam sobre a miséria do povo: “pés descalços, sem camisa, sol a pino, shortinho rasgado, de porta em porta a campainha toca. Madame ignora, finge não ver o indiozinho indo embora com a família na carroça”, mais a frente, na mesma música, eles completam: “vindo da roça, oferece muito pouco, sem apoio, plantam o que dá, colhe o que restar. Levam para trocar por um pouco de grana. Milho, mandioca na oca. Por que tanta miséria?”.

Na canção Terra Vermelha, eles falam sobre a luta dos líderes das tribos pelas terras: “terra Vermelha do sangue derramado dos guerreiros do passado, massacrados.

Fazendeiros mercenários, latifundiários. Vários morreram defendendo suas terras, onde vivo. Na aldeia já existiu guerra. Terra onde nascemos e vivemos, com as etnias”. Na mesma canção, eles falam: “as lembranças doem nas histórias contadas pelos pajé de nossas terras roubadas. Anos 70, centenas de famílias, extensas, cada vez mais espremidas nos fundos das fazendas. Foram separadas em oito aldeias, ignorando nossa cultura, nos jogando numa teia”.

As músicas mostraram que os não índios também trouxeram doenças para os índios. A palavra doença apareceu duas vezes no corpus. Mas em outras partes das canções eles dizem que com a exploração de suas terras, alguns se suicidaram (visto duas vezes) e outros desenvolveram o alcoolismo (visto uma vez). Sobre alcoolismo, a música *A vida que eu levo* diz: “ao lado da cidade, reserva, favela, sequela que fica desnutrição infantil, índio suicida. E os que ficam, procuram uma saída. Poucas alternativas, sendo alvo do desprezo da sociedade não índia. Invisíveis perambulam pelas ruas da cidade sentindo a maldade na carne”. Essa parte mostra que todos os problemas, causados por anos de exclusões sociais e racismo, contribuem para o adoecimento dos indígenas. E aqueles que não recorrem ao suicídio, procuram outra saída: no caso desses jovens músicos, a arte se tornou a uma alternativa. Uma maneira de denunciar o que as nações indígenas sofrem e contribuir para a mudança na realidade.

Então, qual seria o significado da terra para esses jovens? A terra é representada como sagrada, quatro vezes, e como unida, duas vezes. Notamos que em dois momentos eles dizem que a terra é unida, assim como o povo. Terra e povo se fundem. É como se os corpos dos índios estivessem conectados à terra, isso revela o quanto os terrenos tomados pelos latifundiários são importantes para eles. Na canção *Tupã*, os jovens explicam: “Minha terra não é pó, meu ouro é o barro onde piso, onde planto, que suja seu sapato quando vem na reserva fazer turismo, pesquisar e tentar entender o porquê do suicídio”. Em *A vida que eu levo*, nota-se que o amor pela terra é o mesmo que o sentido pelos filhos e filhas: “amor pela terra querida, amor por seus filhos e filhas. Filhos e filhas marcados pela vida”. No *rap Humildade*, eles cantam sobre o território sagrado roubado pelos avós dos homens brancos dos dias atuais: “território sagrado, respeite o nosso espaço, devolva a nossa terra que pelo seu avô foi roubada”.

Considerações finais

Apesar de existirem muitas narrativas na televisão e no cinema representando a juventude indígena, a maioria delas é produzida por pessoas que não vivem nessas comunidades. Ou seja, as narrativas que alcançam um grande público são aquelas criadas por observadores do cotidiano das aldeias e não por aqueles que vivenciam na própria pele a realidade dessas localidades.

Por isso, este estudo buscou identificar as representações sobre os jovens indígenas e seus espaços em um produto pensado pelos músicos do Brô Mc's. Acreditamos que as representações criadas e divulgadas por esse grupo musical são importantes para registrar as memórias dos tempos antigos e dos dias atuais. Esses registros podem nos ajudar a investigar o que restou do mundo antigo, admirar o que é novo ou até mesmo rejeitar a mudança.

Essa pesquisa soma-se às vozes que apontam que as narrativas dos meios de comunicação de massa podem manter sentidos antigos, reproduzindo um cotidiano diferente do vivido pelos indígenas, enquanto a internet tem possibilitado o aparecimento de novos sentidos. Cada vez mais, esses jovens têm utilizado as redes para divulgar histórias que muitas vezes combatem aquilo que é divulgado pela grande mídia.

O disco que compõe o corpus desta pesquisa traz representações dos jovens índios como: batalhadores, esperançosos, sonhadores, conscientes, revolucionários e respeitados pela tribo. Mas, por outro lado, também os representa como: pobres, sofredores e desprezados pela sociedade.

As aldeias habitadas por esses jovens são representadas como sagradas e unidas. Nesses momentos percebemos que os corpos dos índios se fundem às aldeias, como se fosse algo único, e revelando a importância que esses locais têm em suas vidas. Ao dizer que as terras são unidas, entendemos que eles não estavam falando do espaço físico, e sim do povo que o ocupa.

As canções do Brô Mc's revelam que os fazendeiros e latifundiários trouxeram a violência, a criminalidade e a miséria às aldeias. Ao perder as terras, os índios foram confinados em reservas. Eles não aceitaram e reagiram: passaram a guerrear com

aqueles que tomaram seu chão. Esses conflitos tiraram a vida de alguns, e trouxeram doenças como depressão e alcoolismo a outros.

Assim, concluímos este estudo é capaz de contribuir com outras discussões sobre representações de índios brasileiros, mas com um diferencial: traz a visão deles mesmos. Aqui a juventude indígena não é só representada como infeliz e miserável, mas também como otimista, revolucionária e guerreira. As aldeias não são narradas apenas como violentas e perigosas, são também como sagradas e unidas.

Referência

ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão das representações sociais**. Revista Comum, v. 6, n. 17, p. 111-125, Dez, 2001. Disponível em: www.pucgoias.edu.br. Acesso em: 02/06/2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000

GONÇALVES, Elizabeth.; ROCHA, Rosa. **O mundo discursivo no cinema: a construção de sentidos**. Revista Razon y Palabra, n. 76, p. 01-11, Jul. 2011. Disponível em <www.razonypalabra.org.mx>. Acesso em 11/05/15.

SOUZA, Fernando. **Força para dançar, força para lutar: a música e a dança como instrumento de resistência física e política entre povos indígenas**. Revista eletrônica História em Reflexão, v. 11, n. 21, p. 144-155, Dez, 2017. Disponível em <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao>>. Acesso em 15/05/15.

MORAIS, Kênide; PORTELA, Cristiane. **O meu rap está apenas começando: juventude e sustentabilidade cultural na Reserva Indígena de Dourados-MS**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

POSTALI, Thifani. **Era para ser hip-hop, mas tornou-se o espetáculo do popular: uma análise do documentário Fala Tu**. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Set, 2017. Disponível em <portalintercom.org.br>. Acesso em 10/06/16.

TABARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal**. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 309-327, Ago, 2010. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200008>. Acesso em 09/06/16

OLIVEIRA, Ariadne. **Hip-hop como mediação cultural para povos indígenas**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mai, 2014. Disponível em <portalintercom.org.br>. Acesso em 10/07/16.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Revista Educação e Pesquisa, v.28, n.1, p. 117-136, Jun. 2002. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em 07/08/2016

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista brasileira de educação, v. 6, n. 24, p. 40-52, Dez, 2003. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 07/08/16.

PAIS, J. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. Análise social, v. 25, n. 2, p. 105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt>>. Acesso em: 07 set. 2016.